

JORGE DE MACEDO VIEIRA

O ORGÂNICO E O GEOMÉTRICO NA PRÁTICA URBANA (1920-1960)

ANTONIO CARLOS BONFATO

RESUMO *Este artigo discute a aplicação de modelos urbanos consagrados internacionalmente e suas ressonâncias em projetos desenvolvidos no Brasil, durante a primeira metade do século XX, focalizando a contribuição do engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) para a história do urbanismo brasileiro, entre as décadas de 1920 e 1960. Os projetos elaborados por ele para as cidades ex novo de Águas de São Pedro (SP) e Maringá (PR) servem como exemplo de seu trabalho. Macedo Vieira, planejador ainda pouco estudado, se revela um dos mais aplicados seguidores de modelos urbanos importados. Seja na implantação de loteamentos, seja na de cidades novas, a utilização exaustiva do modelo orgânico, aliado ao seu pragmatismo, revela uma excelência no desenho urbano dificilmente alcançada por outro planejador de cidades.*

PALAVRAS - CHAVES *Planejamento urbano; cidades-jardins; bairros-jardins; Jorge de Macedo Vieira; Águas de São Pedro; Maringá.*

O presente artigo busca entender o significado, para a historiografia urbana brasileira, das intervenções urbanas executadas pelos engenheiros-civis formados no primeiro quartel do século XX. Nesse cenário de transformações sociais, políticas e econômicas, as cidades brasileiras foram objetos de inúmeras intervenções, já comprovadas pela historiografia corrente. Tal época se caracteriza pela adoção, interpretação e aplicação de modelos consagrados pelo planejamento urbano internacional, gerando um híbrido de soluções que trouxeram significativa contribuição para a modernização das cidades brasileiras. Escolhemos o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado em 1917, pela Escola Politécnica de São Paulo, por se tratar de um profissional arquetípico dessa época, executando um destacável montante de obras, nas quais deixa transparecer todo esse hibridismo.

Macedo Vieira iniciou sua carreira na *City of São Paulo Improvement and Freehold Company Ltd* – Cia. City, estagiando ao lado do arquiteto inglês Richard Barry Parker, entre 1917 e 1919, quando Parker esteve no Brasil e projetou alguns “bairros jardins” como Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa e Bela Aliança. Após atuar na Cia. City, Macedo Vieira montou escritório com o companheiro de Politécnica, Mariano de Oliveira Wendell, por dois anos e, a seguir, fundou o próprio escritório técnico, sendo responsável por uma série de loteamentos em São Paulo, mas também em outras localidades como Rio de Janeiro, Campos do Jordão, Nova Friburgo, Campinas, Atibaia, entre outras, além de elaborar projetos para quatro cidades novas: Águas de São Pedro (1940), Maringá (1947), Pontal do Sul (1951, não implantado totalmente) e Cianorte (1955). Todas as cidades projetadas pelo engenheiro-civil têm forte influência de soluções urbanas, como o *garden city*, de origem inglesa, e o *city beautiful*, de origem norte-americana, e, hoje, se destacam pela qualidade de vida proporcionada aos seus habitantes.

As pesquisas sobre Jorge de Macedo Vieira iniciaram-se por ocasião da organização da sala temática “Cidades-jardins”, na III Bienal Internacional de Arquitetura de 1997, quando equipe de pesquisadores da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP), coordenada pelo professor doutor Carlos Roberto Monteiro de Andrade, levantou os primeiros trabalhos de Macedo Vieira. Constatada a qualidade das obras, Macedo Vieira foi objeto de uma Sala Especial na IV Bienal Internacional de 1999. A equipe responsável era composta pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo (DPH/PMSP), com os professores Walter Pires, Lia Mayumi, Maria Candelária V. Moraes e Celso Ohno, em conjunto com Monteiro de Andrade, Rosana Steinke, Stella Schrijnmackers e Amanda Franco, da EESC/USP; Milvia Mitie Aracava, da Associação dos Moradores do Jardim da Saúde (AMJS), além da professora Célia Seri Kawai da FFLCH/USP, entre outros. O trabalho de preparação dessa exposição acabou por localizar grande parte da produção do engenheiro-civil, com sua sobrinha neta, Amália Christina Marialva de Macedo Vieira (Kawai, 2000), armazenada em uma escola infantil mantida, à época, por Amália, que viria a falecer cerca de duas semanas antes da abertura da exposição. Todo o material produzido para o evento encontra-se atualmente sob consignação do DPH/PMSP e é objeto de visita por parte de pesquisadores que, a partir da IV Bienal, empreenderam uma análise exaustiva do material, buscando levantar as várias facetas que compunham a profícua produção desse engenheiro-civil.

Nos projetos, encontramos uma rica experiência de Macedo Vieira que, intercambiando idéias com profissionais de outras áreas tais quais a da medicina e a sanitária, elaborou projetos segundo os bons preceitos urbanos vigentes, em que transparecem seus principais conceitos urbanos: *zoning* simplificado, mas rígido; uma forte importância dada às questões sanitárias; um completo entendimento das funções de uma cidade planejada para o bom habitar, onde se confirma a adoção dos traçados, sinuoso ou geométrico, como recurso de qualidade estética e do *pinturesco* como característica urbana que agrada tanto aos residentes como aos visitantes. Jorge de Macedo Vieira foi um aplicador de soluções urbanas que caracterizaram os profissionais politécnicos como autores de projetos que, seguindo outros caminhos que não o funcionalismo da corrente modernista, também construíram uma história diferenciada, mas de significância.¹

AS ORIGENS: ESCOLA POLITÉCNICA DE SÃO PAULO E CIA. CITY

O advento das Escolas Politécnicas marcaria uma nova forma de estabelecer parâmetros para a expansão urbana das cidades brasileiras. Incorporando métodos com bases científicas voltadas a critérios sistêmicos e assimilando conhecimentos práticos das experiências europeias, ocasionou o surgimento de profissionais capacitados a iniciar a construção de uma verdadeira cultura urbanística nacional. O estabelecimento de um *corpus disciplinar* requeria a emprenho desses profissionais tanto no meio acadêmico, como no meio técnico da cultura urbanística internacional, na busca do entender, interpretar, saber e aplicar métodos consagrados, e adaptá-los para modernizar a trama urbana das cidades brasileiras.

A circulação de alguns dos engenheiros brasileiros, pela cultura urbanística internacional, resultou em planejadores que, ao estudar e assimilar modelos e soluções, sobretudo os europeus e americanos, buscam adaptá-los à realidade urbana e social das cidades brasileiras. Tais personagens, ao incorporar tais modelos e darem-lhes novas interpretações, aca-

1 Na produção acadêmica, o início foi a tese de doutoramento *Barry Parker: um arquiteto inglês em São Paulo*, do professor doutor Carlos Roberto Monteiro de Andrade, apresentada à FAU/USP, em 1998, na qual o autor vê em Macedo Vieira um discípulo do arquiteto inglês. A dissertação de mestrado *Os loteamentos de traçado orgânico realizados no município de São Paulo na primeira metade do século XX*, de Célia Seri Kawai, apresentada à FFLCH/USP, com enfoque na geografia humana. A historiadora Rosana Steinke finalizou, em 2002, a dissertação de mestrado *Ruas retas x ruas curvas: na história da cidade de três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira com foco nos projetos de Maringá e Pontal do Sul*. Amanda Cristina Franco finalizou, em 2003, a dissertação *O urbanismo de Águas de Lindóia e Águas da Prata 1920-1950: incorporações de concepções estrangeiras na formação das estâncias hidrominerais paulistas*. Ricardo Trevisan finalizou, em 2003, no programa de mestrado em Engenharia Urbana da UFSC, a dissertação *Incorporação do ideário “Garden-City” inglês na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro*. No mesmo ano, esse núcleo se expandiu, com a incorporação de dissertação de mestrado intitulada *Águas de São Pedro por Jorge de Macedo Vieira: ressonâncias e traduções do modelo garden city na estância hidromineral paulista*, orientada pela professora doutora Ivone Salgado, apresentada pelo presente autor ao Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias (Ceatec/Puccamp).

bam por influenciar de forma definitiva, a maneira de pensar, intervir e articular a aglomeração urbana. Transformam os originais, dando-lhes novos atributos, resultando em soluções híbridas, uma nova roupagem, com novos adereços e com traços de originalidade que dificilmente seriam possíveis no próprio modelo que o originou. Um desses personagens, Victor da Silva Freire (1869–1951), conhecia, com extrema propriedade, as proposições e soluções urbanas, desde o conceito de *zoning* de Reinhard Baumeister ao apego ao traçado orgânico de Camilo Sitte (1843-1903), dos conceitos da estética da cidade de Charles Mulford Robinson (1869-1917), à rótula distributiva de Eugène Hénard (1849-1923).

Encontramos mais um exemplo desse intercâmbio de idéias ao buscarmos a obra de João Florence de Ulhoa Cintra (1887-1944). Formado na Politécnica em 1911, viria a integrar o quadro de docentes da própria Escola em 1926, transformando sua disciplina, Hidráulica Urbana e Saneamento, em “verdadeiro curso de urbanismo”. Os engenheiros-civis politécnicos organizam os programas de expansão e melhoramentos para as cidades, trafegando pelo planejamento integral e, para isso, utilizaram de uma ampla diversidade de ferramentas técnicas e teóricas a eles disponibilizados. Ao expandir sua atuação para a esfera pública, utilizaram-se da cidade como grande campo de experimentos, o que levou a trama urbana a sofrer profundas modificações que marcariam, por décadas, o cenário urbano. No entanto, o retrato pragmático do trânsito dos modelos urbanos importados encontra sua personificação na empresa formada com capital oriundo dos investimentos ingleses no Brasil: a City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited.²

Em 1917, ao buscar o escritório de Raymond Unwin e Barry Parker³ – famosos desde a implantação do esquema *howardiano* de “cidades-jardins” em Letchworth, 1903, e de seus derivados, como o subúrbio-jardim de Hampstead Garden, 1907 – , para projetar um “bairro-jardim” nas várzeas para além do espigão da Paulista – o futuro Jardim América –, caiu no gosto das classes abastadas, desencadeando o processo de implantação de novos loteamentos: Alto da Lapa (1921); Pacaembu (1925); Alto de Pinheiros (1925) e Butantã (1935), entre outras intervenções. Numa típica configuração de empresa multinacional e com escritórios em Paris, Londres e São Paulo, a Cia. City adquiriu cerca de 37% de todo o perímetro urbano de São Paulo, totalizando 12.308.098 m² de área (Wolff, 2001), algo jamais executado, até então, por uma única empresa privada. Dirigida por um grupo de profissionais de renomada competência, a Cia. City articulou meticulosamente a materialização de suas ações: mostrou habilidade política de contar com aliados nos locais certos nas horas certas, além de manter na retaguarda um *staff* de engenheiros-civis extremamente competentes e capazes de executar excelentes projetos. Tal estratégia fez da “City” uma verdadeira escola avançada para os estudantes recém-formados da Escola Politécnica, onde o contato com renomados profissionais brasileiros e estrangeiros que circularam pelos quadros da empresa propiciaria uma série de experiências que seriam assimiladas e entendidas e, posteriormente, aplicadas. A exemplo de Jorge de Macedo Vieira, são inúmeros os engenheiros civis que passaram pela Cia. City e obtiveram grande destaque.

Macedo Vieira nasceu em 15 de Agosto de 1894 em São Paulo, originário de família de poucas posses econômica (Kawai, 2000), e faleceu em 7 de janeiro de 1978, na mesma cidade, com uma situação bastante razoável. Durante sua vida, não contraiu matrimônio e não deixou descendentes diretos. O enriquecimento ocorreu após anos de estudos e às custas de uma profícua atuação profissional, principalmente entre as décadas de 1920 e 1960. A BJMV⁴ descreve que: “Em sua obra revela-se uma concepção moderna de cidade, filiada à tradição cidade-jardim, que, se não o alinha junto às correntes modernistas que ecoavam os princípios da *Carta de Atenas*, nos mostra um profissional fecundo e

2 Para uma análise mais aprofundada da atuação da Companhia City no contexto da urbanística paulistana, consultar Bacelli (1982).

3 Ver sobre o trabalho de Richard Barry Parker a tese de doutoramento de Carlos Roberto Monteiro de Andrade (1998).

4 Brochura de Apresentação da Sala Especial dedicada a Jorge de Macedo Vieira, por ocasião da IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Doravante tal obra será denominada simplesmente por BJMV – Brochura de Jorge de Macedo Vieira, p.2.

competente, criador de ambientes urbanos aprazíveis e funcionais, além de belos” (p. 20). A beleza do desenho adotado por Macedo Vieira faz-se notar de imediato e se destaca na trama do tecido urbano de São Paulo e das cidades onde exerceu sua atividade.

Durante seus anos de estudos na Escola Politécnica de São Paulo (entre 1912 e 1917), conviveu com professores como Ramos de Azevedo, Paula Souza, Carlos Shalders, Affonso d’Escracnolle Taunay, Horário Berlinck, Jorge Krichbaum, Vitor Dubugras, Domiciliano Rossi, Hyppolito Pujol Jr. e Victor da Silva Freire (Kawai, 2000), portanto, exatamente no período em que esses profissionais estavam no centro das discussões sobre as necessidades de melhoramentos para a capital paulista. Enquanto Jorge de Macedo Vieira se formava em Engenharia Civil, seu colega de turma e, posteriormente, companheiro em vários projetos, Francisco Prestes Maia, se graduaria em Engenharia Civil e Arquitetura. Embora engenheiro-civil, a Escola Politécnica criou e propiciou um ambiente em que Macedo Vieira acabaria por se voltar às questões inerentes ao urbanismo mais que às questões de cunho residencial. As intervenções levadas a cabo nas capitais européias e nas cidades norte-americanas eram de conhecimento e objetos de discussão desse grupo de pessoas ligadas à Politécnica, fato já comprovado pela historiografia urbana.

Macedo Vieira recorre, com bastante constância e propriedade, à solução *garden-city*. A preferência pela adoção do modelo deve ser creditada à fase pós-Escola Politécnica, ocasião em que cumpriu seu estágio final do curso na Cia. City, no mesmo período em que Richard Barry Parker⁵ esteve à frente de várias obras da empresa. Macedo Vieira refletiria essa influência praticamente durante todo o decorrer de sua obra. Na sociedade montada com Wendell, após a City, foi responsável por obras como o arruamento em terreno da Companhia Clark de Calçados (1922) e a edificação da ponte de acesso à Vila Anastácio. Andrade (1998) comenta que o escritório “realizou projetos de arquitetura e planos urbanísticos, mas também estendeu suas atividades construindo casas, abrindo loteamentos e estradas, e até mesmo vendendo materiais de construção”.⁶ Após a dissolução da sociedade, Macedo Vieira continuou empreendendo obras, dando um enfoque maior aos loteamentos, onde poderia exercer todo seu conhecimento técnico de forma quase plena. O Escritório Técnico de Jorge Macedo Vieira, embora de característica familiar, caracterizou-se por executar obras de médio e grande porte, destacando-se pela excelência dos trabalhos executados por seus topógrafos e calculistas. Tais obras, devido à logística necessária, necessitavam de parcerias com outros profissionais de reconhecida capacidade.⁷ É conhecida sua longa parceria com Góes Sayão, com o qual chegou a compor uma sociedade; com Saturnino de Brito – o filho (entre os vários trabalhos em conjunto destaca-se a implantação de Águas de São Pedro, estância hidromineral na região central de São Paulo), e Prestes Maia, com o qual teve relação profissional e de amizade por longos anos. Tal amizade rendeu a Macedo Vieira convite para a elaboração dos primeiros levantamentos que levaram à execução da primeira planta modelar de Campinas, ainda nos anos finais da década de 1920.⁸

⁵ Difusor do ideário “cidade-jardim” e responsável, conjuntamente com Raymond Unwin, pela implantação de Letchworth, na Inglaterra, em 1903, primeira cidade-jardim, e também, novamente em conjunto com Unwin, criador do conceito de “subúrbio-jardim”, aplicado em Hampstead Garden, em 1907. O “subúrbio-jardim” se constitui num primeiro derivado do conceito “howardiano”.

⁶ Ver Andrade, op. cit., 1998, cap. V.

⁷ Informação fornecida por Antonio Falcão de Andrade, filho de Octavio Moura Andrade, empreendedor da cidade balneária de Águas de São Pedro (entrevista realizada no primeiro semestre de 2003).

⁸ Tal informação consta da BJMV, p.21.

LOTEAMENTOS E CIDADES NOVAS: O ORGÂNICO E O GEOMÉTRICO NA PRÁTICA

O veio principal que compõe o mosaico da obra do Escritório Técnico de Macedo Vieira pode ser dividido em suas duas vertentes principais: *a implantação de loteamentos* situados nos arredores do grupo de bairros que compõem a área central da cidade de São

Paulo e loteamentos implantados em outras localidades, como Rio de Janeiro, Atibaia, Campinas e Campos do Jordão; e a *implantação de cidades novas* que, devido à experiência adquirida em inúmeros loteamentos, forma o principal legado deixado pelo engenheiro-civil. Iniciou-se com a elaboração do projeto para a estância hidromineral de Águas de São Pedro, iniciado em 1936 e registrado em 1940, para a empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro, e encerrou com o projeto da Cianorte, em 1955, para a Cia. Melhoramentos Norte do Paraná, sendo composto por mais dois projetos de cidades novas: Maringá (1947) e a Cidade Balneária de Pontal do Sul (1951).

No total foram quase três dezenas de parcelamentos do solo destinados a loteamentos, que se caracterizavam por uma precisão de desenho urbano, ora recorrendo ao traçado sinuoso em curvas de nível, preconizado por Raymond Unwin e antes por Camillo Sitte ora, quando a topografia permitia essa liberdade, recorrendo a traçados geométricos, em uma combinação de várias figuras tais como semicírculo, triângulos, retângulos e diagonais, onde surgem *carrefours* e avenidas radioconcêntricas, numa clara influência do modelo *city beautiful* norte-americano, conforme Figura 1.

Figura 1– Anos de 1920, um novo personagem no enredo urbano: Jorge de Macedo Vieira.



Ao alto, à esquerda, Jorge Macedo Vieira (em primeiro plano), em seu escritório. À direita, projeto da ponte do Anastácio, em associação com Mariano de Oliveira Wendell, data provável de 1918. Abaixo, à esquerda, início do arruamento do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, 1926. Esse loteamento seria complementado com a Vila Carioca, projeto do companheiro de Macedo Vieira, Paulo Amaral, que também se dedicou a projetar bairros com traçados orgânicos. À direita, o parque Edu Chaves, de 1926, com a opção pelo traçado geométrico, na forma radioconcêntrica. Tal opção era utilizada quando a topografia do terreno assim permitia.

Fonte: Acervo Jorge de Macedo Vieira – Arquivo Histórico Municipal – DPH/SMC/PMSP.

A seguir, a Tabela 1 resume os loteamentos projetados pelo Escritório Técnico:

Tabela 1 – Loteamentos de Macedo Vieira – locais e municípios

Nome	Área (m ²)	Empreendedores	Ano	Cidade	UF
Vila Anastácio	629.782	Richard Coit	1918	São Paulo	SP
Jardim Japão	1.050.000	Cláudio Monteiro Soares Francisco Rolim Gonçalves	1922	São Paulo	SP
Chácara da Mooca	2.600.000	Cia. Chácara da Mooca Cia. Imobiliária Parque da Mooca	1923 ^a	São Paulo	SP
Vila Maria	1.308.120	Cia. Paulista de Terrenos	1923 ^b	São Paulo	SP
Ipiranga	122.880	Antonio M. Alves de Lima	1924	São Paulo	SP
Vila Nova Manchester	1.292.355	Cláudio Monteiro Soares Francisco Rolim Gonçalves	1924 ^c	São Paulo	SP
Jardim Guanabara	3.071.630	Cia. Santa Cruz	1925	I. do Governador	RJ
Bairro Sta Terezinha	1.100.000	Soc.Ter. Estação de São Bernardo	1925	S. B. do Campo	SP
Chácara Santa Maria	180.000	Antonio Sabetta/ Ezio Martinelli	1925	São Paulo	SP
Parque Edu Chaves	413.887	Eduardo P. Chaves e Soc. Com. e Const. Ltda	1926	São Paulo	SP
Dist. Ind. Manguinhos	3.650.000	Empresa Melhoramentos da Baixada Fluminense	1927	Manguinhos	RJ
Vila Isabel	3.000.000	Cia. de Terrenos C. do Jordão	1931	C. do Jordão	SP
Cidade Mãe do Céu	346.360	Francisco Rolim Gonçalves Joaquim Bento Alves de Lima	1937	São Paulo	SP
Jardim da Saúde	1.350.090	Cia. De Terrenos da Saúde	1938 ^d	São Paulo	SP
Nova Campinas	839.822	Cia. Imobiliária Nova Campinas	1945	Campinas	SP
Vila Medeiros	40.000	Carolina Xavier Reinfrank	1947	São Paulo	SP
Vila Campesina	616.190	Max Lowenstein/Eurico Martins	1947	Osasco	
Vila Formosa	1.398.888	Cia. Melhoramentos do Brás	1947	São Paulo	SP
Rolinópolis	239.760	Francisco Rolim Gonçalves	1949	São Paulo	SP
Chácara da Barra	578.986	Francisco L.Cunha Bueno e outros	1950	Campinas	SP
Vila Santista	N/d	N/d	1950 ^e	Atibaia	SP
Condomínio Nalyce	67.600	Francisco R. Gonçalves/Caio Dias Baptista/José de Azevedo Garcia	1951	São Paulo	SP
Jd. Universidade ^f	852.013	S/A de Imóveis e Construção	1953	São Paulo	SP
Bairro Suíço	139.600	José Galiano das Neves	1956	Nova Friburgo	RJ
Vila Iza	44.410	João Brazio e Adolpho G.s Barros	1958	Campinas	SP
Jardim da Felicidade	360.000	Julio Vicente Vieira e Imob. Vieira	1959	São Paulo	SP
Jardim São João	80.000	Palmira Vivan	1959	São Paulo	SP
24.520.360					

Fonte: Grupo Executivo para a Despoluição da Guanabara – 1996.¹⁵

a Em várias etapas até 1952.

b Em várias etapas até 1941.

c Em várias etapas até 1938.

d Em várias etapas até 1943.

e Não há uma precisão quanto à data mais o início da década de 1950 é o mais provável.

f Não implantado.

15 Levantamento em impressos, plantas e manuscritos existentes no Arquivo não-catalogado de Jorge de Macedo Vieira no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, folheto informativo da IV Bienal de Arquitetura de São Paulo – Sala Especial: O Urbanismo de Jorge de Macedo Vieirae BMJV.

Na análise da tabela, observamos que, se levarmos em consideração os loteamentos executados por Macedo Vieira chega-se ao montante de 24,5 milhões de m², o que revela a intensa atividade do profissional, ao longo de quatro décadas. Excluindo-se o loteamento Jardim Universidade (852.013 m², projeto de 1953 que não foi registrado oficial-

mente por Macedo Vieira, e sim pelo engenheiro Kamal Mattar, que embora, quase comprovadamente, seria de Macedo Vieira, segundo Kawai; (2000); e sem considerar a medida da Vila Santista, em Atibaia (SP), loteamento do qual não obtivemos a área, os números atingem 23.668.347 m², medida ainda expressiva no que tange às áreas urbanas objeto de intervenção por um só profissional. Para alguns loteamentos – aqui não citados e dos quais poucas são as informações – atribui-se participação de Macedo Vieira de modo integral, ou em partes.

A experiência com o trato de grandes porções de sítios urbanos acabou por levar Jorge de Macedo Vieira a alçar projetos mais complexos, em que suas habilidades, tanto técnicas como urbanísticas, foram colocadas à prova, assim, proporcionando-lhe, na forma sistêmica do projeto integral, liberdades de partir do novo, do sítio não-habitado, para daí efetivar a organização de todas as áreas que compõem a estrutura de uma cidade. A Tabela 2 mostra-nos as cidades e as datas dos projetos desenvolvidos pelo escritório; as áreas; os empreendedores; a região do Estado; e a unidade da federação onde foram implantados integralmente, ou em partes.

Tabela 2 – Cidades novas – datas, empreendedores, área, região e Estado

Nome	Ano	Empreendedores	Área (M2)	Região	UF
Águas de São Pedro	1937 ¹⁶	Águas Sulfidricas e T. de S. Pedro S/A	637.400	Central	SP
Maringá	1947	Cia Terras Norte do Paraná	12.000.000	Norte	PR
Pontal do Sul ¹⁷	1951	Empresa Balneária Pontal do Sul S/A	5.895.100	Litoral	PR
Cianorte	1955	Cia. Melhoramentos Norte do Paraná	9.648.925	Norte	PR

Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo – DPH/PMSP.¹⁸

16 Essa data não confere com a documentação levantada, considera-se a data de 28/4/1940, quando a planta deu entrada na prefeitura da cidade de São Pedro, como data oficial.

17 Projeto não-implantado.

18 Ver nota 15.

ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR MACEDO VIEIRA: O SINUOSO NA FORMA INTEGRAL

Ao seu primeiro projeto de cidade nova, a estância hidromineral de Águas de São Pedro, Macedo Vieira reserva um traçado fortemente influenciado pelo desenho *garden city*, em que o sítio é cuidadosamente trabalhado, considerando-se a morfologia do terreno, com o desenvolvimento do arruamento segundo as curvas de nível, ocasionando uma configuração na qual o traçado orgânico é entremeado por parques públicos e praças cruzadas por avenidas e ruas que ora formam desenhos radioconcêntricos, ora assumem a configuração de *park-ways*. Os lotes reservados para as residências mostram-se generosos em tamanho e os recuos permitem uma grande área para os jardins. Acreditamos que depois desse projeto Macedo Vieira pôde lançar-se em empreendimentos mais sofisticados. Desse modo, a cidade balneária de Águas de São Pedro constitui um marco na ampliação da atuação de Jorge de Macedo, e é importante referencial do trabalho do engenheiro politécnico ao se caracterizar como o primeiro projeto integral de uma cidade inteira, elaborada pelo seu Escritório Técnico. Águas de São Pedro, onde prevalece a solução *garden city*, também foi rico campo laboratorial em que, ao lado de agentes de significância como o ESB – Escritório Técnico Saturnino de Brito, do Rio de Janeiro, e de profissionais de renomada atuação em outros campos do conhecimento, como o médico João Aguiar Pupo, Macedo Vieira organiza a ocupação do espaço. Através desse projeto conseguimos entender a importância da multidisciplinaridade na elaboração do que seria um bom projeto de cidade.

Os profissionais do Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira foram contratados pelo empreendedor Octavio Moura Andrade, em 1936, ocasião em que se iniciaram os levantamentos altimétricos da área rural pertencente, à época, ao município de São Pedro. A equipe, comandada por Marcelo Vieira, trabalhou o sítio até a entrega da primeira planta da cidade em 1940. O engenheiro retornaria à cidade em 1957 para fazer adaptações ao projeto original e findaria sua obra em Águas de São Pedro já nos anos 60, quando projetou novos bairros – Jardim Iporanga, em 1964, e Jardim Porangaba, em 1965.

A especial dedicação de Jorge de Macedo Vieira a esse projeto, com o qual manteve contato até praticamente o final de sua vida; o intercâmbio de conhecimentos aplicados na solução de problemas pontuais – cotidianos da implantação de uma cidade balneária – fez o Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira manter um posto fixo nas glebas urbanizadas durante dois anos. Tal fato resultou em importantes discussões de campo e, acreditamos, contribuiu de maneira significativa para a ampliação do conhecimento do engenheiro-civil no que tange os detalhes que envolvem a implantação de uma aglomeração urbana destinada ao bom habitar, ao descanso e ao veraneio.

Mais que isso, ressalta-se o fato de uma pequena estância hidromineral carregar toda uma ordem de modelos e soluções urbanas internacionais, consagradas e reconhecidas pelas suas qualidades, em todos os continentes, resultando em uma cidade de destacáveis atributos ambientais e estéticos até os dias atuais. Encontramos em Águas de São Pedro, como também em outros projetos de Macedo Vieira, o atributo do bom projeto urbano. Um local para se residir e para se visitar. Com o passar dos anos e ao fazermos uma analogia com outras formas de urbanização de áreas, os projetos do engenheiro-civil paulistano parecem assumir uma contínua e crescente linha de destaque no item qualidade de projeto.

Se, para alguns, recomendável seria estarmos geograficamente mais próximos aos centros de discussões sobre a cidade, notadamente o europeu e o norte-americano, por outro lado, o produto resultante do uso variado de soluções ocasionou cidades com boa qualidade estética e ambiental, implantadas por profissionais mais livres, que evitaram o apego a uma única tipologia de modelo urbano. Uma variada e ilimitável gama de soluções, oriundas de diversificados ideários. Nessa linha encontra-se o trabalho elaborado por Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro.

Em Águas de São Pedro encontramos todos os principais referenciais teóricos de Macedo Vieira. Apresentam-se, no traçado orgânico e na elaboração dos parques e vias, ressonâncias da solução *garden city*, cidade-jardim, inglesa, em sua maioria, mas também fragmentos do *beaux arts*, francês, e do *city beautiful*, cidade bela ou monumental, norte-americano. Nessa liberdade em adotar variadas soluções está o fecundo conteúdo da obra de Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro. Soluções como os *round ponds* de Daniel Burnham (EUA), dos parques e praças triangulares de Barry Parker (Inglaterra), dos *carrefours* de Eugène Hénard (França) e das vielas sanitárias de Saturnino de Brito, surgem por todo o tecido urbano, alinhados, em consonância, pelo *zoning* arquetípico de Reinhard Baumeister (Alemanha).

Ao contrário das cidades de colonização, nascidas do veio da ferrovia, do escoamento de produção de matérias-primas para o consumo nas grandes aglomerações urbanas, Águas de São Pedro nasce para ter seu produto consumido *in loco*: as águas medicinais, os banhos sulfurosos, o turismo de recreação nos hotéis, o pintoresco das paisagens construídas, o sinuoso das ruas, o caminhar pelas trilhas suaves, o conforto térmico dos parques. Nesse ponto difere de outras cidades, pois não haveria novidade, para o visitan-

te, em se fazer *tabula rasa*, ocasionando ruas tipificadas pelo monótono quadriculado urbano, tão comum nas cidades brasileiras. Haveria de ser mais apropriado ao olhar do turista a surpresa das vias sinuosas, feitas para se caminhar apreciando o vale, ocasionando vistas panorâmicas, sempre anguladas de modo a estabelecer uma nova forma de compreender o entorno e o próprio lugar. Assim, o zoneamento rígido gerou uma expansão controlada, fator de elevada importância em uma cidade que pretende crescer nos mesmos moldes dos motivos que instigam os visitantes a se deslocarem até o lugar: calma e contemplação.

Na obra de Macedo Vieira para Águas de São Pedro revela-se o trânsito de diversos ideários que compuseram a base logística do projeto, refletidas na harmonia dos espaços, na qualidade de um desenho urbano que, passadas mais de seis décadas, a cada dia revela mais uma qualidade, que ainda não se fazia percebida. Há que se reconhecer a contribuição que essa geração de engenheiros-civis – aqui representados pela obra de Jorge de Macedo Viera (Camillo Sitte, Camille Martin, Barry Parker, Raymond Unwin, Saturnino de Brito.), legou à beleza, à funcionalidade e à qualidade projetual das novas cidades. Ao nos deslocarmos no tempo e estabelecermos uma base atual de análise crítica do projeto de Macedo Vieira para Águas de São Pedro, alguns fatos servem como ponderações: algumas das soluções adotadas para a cidade balneária mostraram-se eficientes instrumentos de controle das funções para cidades de pequeno porte, como o *zoning* funcional ou a inserção dos *carrefours* como rótulas distributivas do tráfego.

Figura 2– Águas de São Pedro por Macedo Vieira (três fases: 1940, 1957 e 1964-1965).

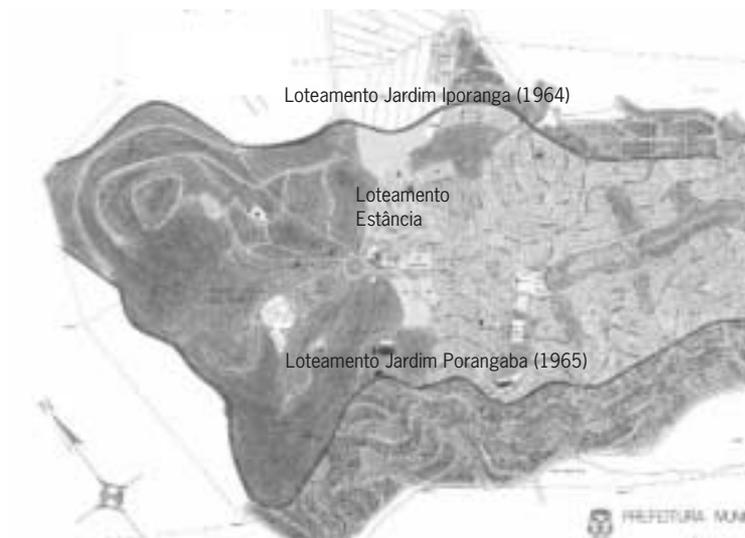
1940-1957



1957-1964



1964-2003



Fonte: Acervo do autor.

A CIDADE NOVA DE MARINGÁ E A COMPANHIA TERRAS NORTE DO PARANÁ

A Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) nasceu no bojo dos investimentos oriundos do capital inglês na década de 1920. Originária da Missão Montagu, de 1923, chefiada pelo lorde Montagu e composta por Simon Frazer, conhecido como lorde Lovat, então representante da Sudan Plantation, os ingleses adquiriram, entre 1924 e 1927, mais de 500 mil alqueires de terras no fértil Norte do Paraná. Formou-se a empresa Paraná Plantation Limited, com sede em Londres, e, em 24/9/1925, foi criada no Brasil, sua extensão: a Companhia de Terras do Norte do Paraná que, em 1928, adquire o controle acionário da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná e inicia o processo de colonização do Norte paranaense após o fracasso do capital inglês em explorar o cultivo do algodão no interior do Estado de São Paulo (Cioffi, 1995).

O sistema de colonização e desenvolvimento dos agentes econômicos levados a cabo pela empresa eram comandadas por Arthur Thomas e se calcavam nos princípios do estabelecimento de propriedades ao longo da via férrea, com a previsão de vilas denominadas patrimônios num espaço de dez milhas, onde o agricultor poderia deixar seu produto (Cioffi, 1995; Steinke, 2002). As maiores aglomerações urbanas deveriam, numa influência das idéias do urbanismo inglês, serem planejadas de modo a conter os *green belts* – os cinturões-verdes–, necessários ao abastecimento de hortifrutigranjeiros a essas mesmas comunidades, retratando o princípio de auto-sustentação das comunidades. No entanto, essa não foi a única influência urbana. Steinke nos esclarece que “com forte caráter linear num primeiro momento, a ocupação do território lembra, nessa linearidade, colocada através das ferrovias, as propostas das cidades lineares, difundidas por Soria Y Mata. Contudo, acabou por se configurar numa rede de cidades (...) O que se percebe hoje, ao observar a região, é uma verdadeira constelação de cidades” (2002, p.72). Com o domínio das vias de escoamento e com as áreas rurais seguindo a lógica do planejamento de Arthur Thomas, estavam asseguradas a geração de capital e a lucratividade dos empreendedores. A cidade de Londrina é fundada nessa época, e foi a primeira de uma série.

Em 1945 a Companhia Terras do Norte do Paraná já de capital nacional, encomendou o trabalho de elaboração de uma cidade inteira ao Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, em território virgem, com predomínio de vegetação nativa e habitado por grupos indígenas nômades. Nessa área seria implantada a cidade nova que se denominaria Maringá. Em 1947 deu-se início a sua construção. Na apresentação da exposição sobre Jorge de Macedo Vieira, na IV Bienal Internacional de Arquitetura (1999), destaca-se que:

Maringá se caracteriza por um traçado diferenciado dessas demais cidades, onde o desenho partindo da “tabua rasa” é comum. Suas ruas ajustam-se à topografia do sítio onde as áreas residenciais buscam recuperar a idéia de unidade de vizinhança, num desenho tipicamente pintoresco. Já ainda uma valorização das áreas verdes, sobressaindo-se os parques, jardins e praças, bem como “park ways” (BJMV, 1999, p.24.)

Nesse projeto Macedo Vieira reflete, além da influência *garden-city*, exemplificada nos parques públicos, o modelo *city beautiful*: no uso das avenidas amplas interligando essas áreas e funcionando como *park ways*, na adoção do *civic center* e na centralidade dos edifícios públicos, além da adoção dos *carrefours* arquetípicas de Hénard e do *beaux arts* francês.

Macedo Vieira, no entanto, jamais visitou o sítio e, servindo-se de uma planta topográfica de Cássio Vidigal, elaborou os estudos metro a metro, seguindo a topografia do terreno, que se apresentava com suaves declividades (Cioffi, 1995). A resultante foi uma planta com características nitidamente modernas, onde o traçado geométrico foi articulado de modo conciso, reservando generosas áreas aos parques públicos e, aos moldes do que vigorava na cultura urbanística da época, compartimentando de modo rigoroso o zoneamento da cidade. Suas áreas foram divididas em: a) *Núcleos comerciais*: centros de comércio concentrados; b) *Zona residencial popular*: destinada a pessoas de baixa renda; c) *Zona comercial*: próxima ao centro cívico e reservada às atividades de prestação de serviços à população local; d) *Zona industrial*: destinada ao fomento da implantação de empresas interessadas em produzir na região; e) *Armazéns*: áreas de estocagem de produtos agrícolas; f) *Zona residencial principal*: lotes mais generosos destinados às classes média, média alta e alta; g) *Zona residencial operária*: destinada às classes trabalhadoras da indústria e comércio; h) *Edifícios públicos*: concentrados na área do centro cívico; e i) *Estação ferroviária*: na área central, com fácil acesso também por avenidas.

A articulação entre a ferrovia, centro nevrálgico do local, cortando toda a linha da cidade; as áreas industriais e comerciais; o grande percentual destinado para áreas, aliados ao formato moderno, agradaram os empreendedores, pois além da beleza estética a funcionalidade se mostrava plena. Sobre Maringá, Macedo Vieira escreve:

Pretendi projetar uma cidade moderna, uma cidade em que o traçado das ruas não obedeça o xadrez, que os portugueses ensinaram aqui, nos deixaram aqui na colônia, consegui um processo melhor que é o de acompanhar o terreno o mais possível, e a cidade já pré-traçada, num zoneamento estudado, com seus parques, seus lugares de lazer, e seus verdes tão característicos, parece que consegui, né? (Idem, p.27.)¹⁹.”

Macedo Vieira reserva especial destaque às avenidas, inserindo, nas largas vias, um canteiro central para o plantio de paineiras, palmeiras, ipês, acácias, flamboyants, quaresmeiras e outras, que acabaram por dar especial beleza ao arruamento.

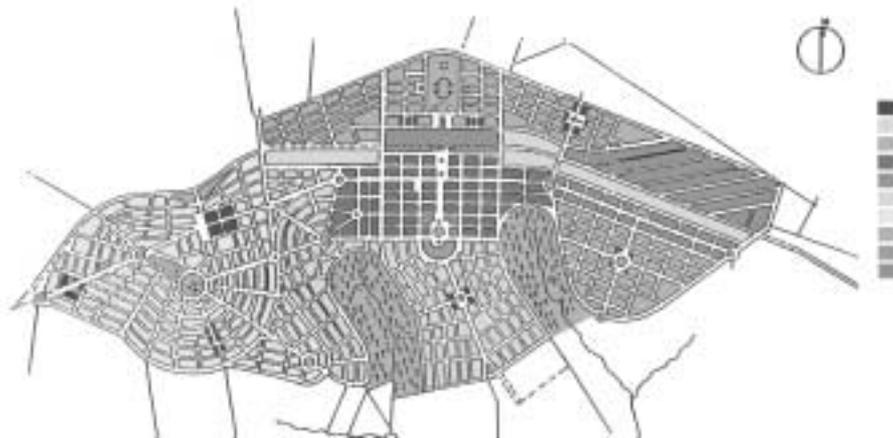
Maringá foi projetada para acolher 200 mil habitantes, e a previsão de grandes porções de áreas verdes elevou a qualidade de vida de seus moradores. As principais áreas verdes projetadas são um horto florestal com 17,5 alqueires, destinado ao cultivo de mudas para as avenidas e praças da cidade; o Parque do Ingá, com 19,5 alqueires, que abrigaria o jardim zoológico, o jardim japonês e alamedas para contemplação e ócio; e o Bosque Dois: área de 25 alqueires, denominado depois de “Tupinambá”, abriga remanescentes da vegetação original de Maringá.

A área central, que abriga o centro cívico, contém repartições públicas, agências bancárias, estação rodoviária e ferroviária, reunidas de modo a perfazer uma unidade central com fácil escoamento pela avenida principal, a avenida Brasil, que corta todo o município. Observam-se grandes áreas destinadas ao verde também nesse setor central, onde se divisa o resultado da compartimentalização rígida das quadras, com espaços definidos e diferenciados entre zona comercial, residencial, edifícios públicos e parques. A edificação que mais se destaca na parte central da cidade é a catedral Nossa Senhora da Glória, que atinge 124 metros de altura em seu topo. Numa síntese, Jorge de Macedo Vieira mesclou soluções urbanas, em que, nesse traçado geométrico, predomina a escola do *town planning* norte-americana. Notamos que Macedo Vieira entendia a visão dos empreendedores – as cidades novas deveriam compatibilizar recursos e produção de forma otimiz-

19 A frase é de 1972 e Macedo Vieira ainda comenta sobre a questão de nunca ter comparecido ao sítio: “Infelizmente não estive no local, eu me baseei numa planta topográfica que me foi fornecida pelo Cássio Vidigal, planta topográfica essa que estava muito bem feita, e que mostrou sua exatidão (...) e deu a cidade que hoje tá (sic) lá que todos podem ver, que não é mais xadrez, e é de uma cidade moderna, não é?”.

da e possibilitando torná-la um pólo comercial regional –, e buscava apresentar, a eles, projetos que se pautassem pela viabilidade econômica, sem o detrimento da qualidade do desenho urbano e a harmonia de uso dos espaços entre quadras comerciais, residências, parques, praças e ruas (Figura 2).

Figura 3 – Maringá por Jorge de Macedo Vieira.



PONTAL DO SUL E CIANORTE

Em 1951, Macedo Vieira recebeu a encomenda do projeto da cidade balneária de Pontal do Sul, no litoral paranaense, devido ao interesse do governo estadual no desenvolvimento de novas formas de sustentação econômica para as comunidades. O projeto de Macedo Vieira para Pontal do Sul se caracterizou por um desenho geométrico em que nítidas separações ressaltam as funções da cidade:

planejada segundo o desenho de um quadrilátero, em cujo centro geométrico, numa área arborizada, seriam localizados vários serviços públicos e de administração da cidade. Duas grandes avenidas cortariam esse centro, entrecruzando-se, e outras três convergiam das praças para o centro, além de mais uma avenida proveniente do extremo da cidade, oposto ao mar. (BJMV, 1999, p.28.)

Era uma cidade planejada para não receber indústrias e onde as áreas comerciais ligadas à prestação de serviços se destacavam. Steinke (2002, p.66) esclarece, no entanto, que, posteriormente, indústrias foram instaladas. No projeto de Macedo Vieira,

a cidade foi dividida em 229 quadras, com cerca de 4000 lotes. Dessas, 96 estavam situadas nas praias, destinadas à zona residencial principal, 100 para a zona residencial popular e 24 para a zona comercial. Foi previsto ainda a construção de três modernos hotéis, projetados por Vieira, bem como cassino, teatro e cinema, clubes, biblioteca, parques infantis, escolas, praças de esportes, entre outros equipamentos urbanos. (Idem, p.28.)

Fica claro, à semelhança do projeto de Maringá, o estabelecimento de uma espécie de hierarquia entre as áreas, sendo a central destinada a acolher os edifícios públicos,

20 Ver no Memorial Descritivo de Pontal do Sul, acervo não-catalogado de Macedo Vieira, DPH-PMSP.

21 Manuscrito do pré-memorial descritivo de Pontal do Sul, acervo não-catalogado de Macedo Vieira, DPH-PMSP.

com duas grandes avenidas cruzando sua extensão. Para a prática de esportes, Macedo Vieira reservou área em um parque público para “campo de futebol de dimensões pequenas”, “campo de tênis de praia” e “campo de volley ball e basket-ball” (sic),²⁰ além da ciclovia que partiria do parque e circundaria toda a orla.

Em relação ao desenho, o projeto parece ser o mais geométrico dos elaborados por Macedo Vieira, fato esse facilitado pela topografia praticamente plana. O desenho da maioria das quadras está muito próximo ao tradicional “tabuleiro de xadrez”, mas possui diferenciações, principalmente na área central, onde a forma radioconcêntrica predomina. A via de maior importância no projeto é a avenida Beira Mar. Na realidade, Macedo Vieira previa inicialmente uma avenida mais monumental, que poderia conter “uma largura máxima de 100 metros e mínima de 50 metros”.²¹ Na área do pontal da cidade, que abrigava o centro cívico, destaca-se a praça central no formato octogonal, de onde partem quatro vias principais e quatro vias secundárias, dando acesso a várias regiões da cidade. Trata-se de um traçado clássico, onde o formato geométrico tece diferentes tramas e acaba por predominar. Uma das avenidas faz a ligação com a área dos edifícios públicos, ao norte, e com a área das praias, ao sul. Macedo Vieira afirma que

Na bissetriz do ângulo formado pelas duas praias (Encantada e do Mel), projetamos a parte nobre da cidade, onde localizamos sua área comercial principal, ao longo da monumental Avenida Munhoz da Rocha. Nessa parte da cidade estão situados o Grande Hotel e o Cassino em amplas quadras ajardinadas, junto à avenida Beira Mar (Idem, p.28.)

O zoneamento, caracterizado pela rigidez, compunha-se de cinco áreas: litorânea, comercial, popular, suburbana e rural. No uso específico das áreas, Macedo Vieira previa que na zona rural os terrenos interiores seriam destinados a chácaras e granjas de um a cinco hectares. O projeto previa ainda a inclusão de canais de escoamento em toda a cidade, uma central de energia movida a óleo diesel, até a chegada da energia elétrica. Quanto às especificações das residências, apenas eram proibidas as executadas totalmente em madeira. O projeto foi amplamente elogiado por planejadores urbanos. Prestes Maia, em 1952, destaca que “O pontal recebeu um plano largamente concebido, com preservação das praias. Amplas avenidas e quantidade de jardins, correspondendo, assim à beleza e proximidade do local” (Idem, p.28). Finalmente, cabe ressaltar que, ao observarmos o desenho para Pontal do Sul, percebemos, na rotatória octogonal situada no ponto central do eixo monumental, uma grande semelhança com as rótulas no mesmo formato, projetadas em 1912 por Walter Burley Griffin (1876-1937), por ocasião do concurso para a edificação da cidade de Camberra, na Austrália. Numa tipologia de desenho que Peter Hall (2002, p.224) chamaria de “o excepcional em *city beautiful*”, no projeto de Griffin as rótulas octogonais se espalham por toda a malha urbana. Aos moldes de Pontal do Sul, o projeto de Camberra sofreu inúmeros reveses para sua implantação, sendo concluído, finalmente, por volta da década de 1980.

A última cidade nova projetada por Jorge de Macedo Vieira foi implantada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), em 1955.

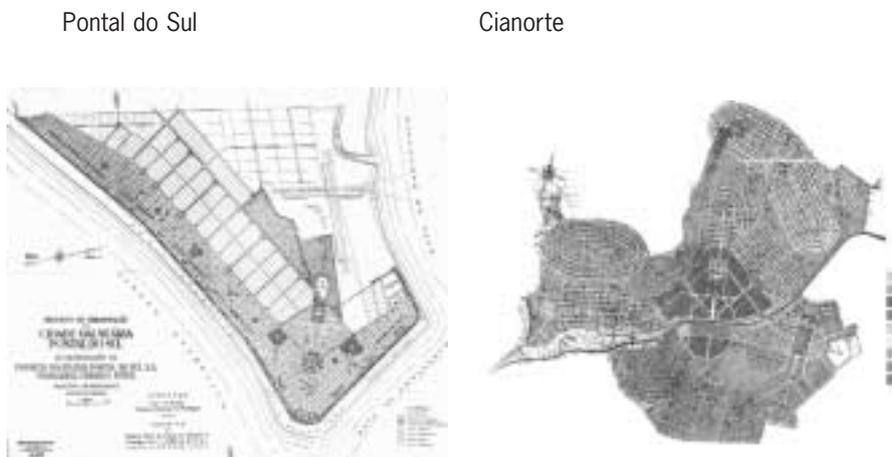
Cianorte fez parte da última etapa de comercialização de lotes rurais e urbanos da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. Pertencendo à área do chamado Norte Novíssimo, foi inaugurado no começo da década de 1950. Seu projeto, entretanto, data de 1955, também tendo inspiração no modelo cidade-jardim, caracterizando-se pela preocupação com

áreas verdes, um traçado viário sinuoso e a estrada de ferro como veia propulsora cortando o centro”. (Hall, 2002, p.29.)

A cidade foi dividida em zonas residencial popular, residencial principal, residencial operária, comercial, industrial, além dos armazéns, edifícios públicos, estação ferroviária e áreas verdes, dando uma conotação bastante nítida do sentido de *zoning*, característico dos projetos de cidades novas de Macedo Vieira. O traçado reservou ao sítio generosas áreas verdes, acompanhadas em seu contorno por *park ways*, integralizando, no plano geral, um desenho de rara beleza. O traçado reto na forma radioconcêntrica predomina na região central, permeado por áreas onde as linhas circulares, semicirculares e ovais existem em profusão, e formam figuras que se harmonizam quando colocadas em conjunto. O desenho de Cianorte possui características próximas às da cidade de Maringá. Situada em um sítio caracterizado pela morfologia suave do solo, onde o arruamento na região central – local escolhido para abrigar a ferroviária e a rodoviária – guarda uma certa semelhança com a “cidade-jardim” de Letchworth, na Inglaterra, entrecortada por uma linha férrea, embora, como mencionado, tal meio de transporte não tenha assumido a mesma importância que em outras cidades novas de colonização da CMNP. No plano geral de Cianorte, o traçado sinuoso dá lugar a um desenho muito próximo do clássico do século XIX, mesclando avenidas em semicírculo, tendo em sua bissetriz a partida de um eixo monumental que segue rumo ao norte, passando pela área que abriga a praça da República, pelo Centro Cívico, que abriga Prefeitura Municipal e outros órgãos, seguindo rumo norte, onde termina em outra praça semicircular ao final do eixo.

As avenidas seguem a mesma tipologia empregada em Maringá, com a criação de canteiros centrais arborizados, o que acabou, em conjunto com os parques, por criar uma cidade onde o verde se destaca no tecido urbano, um traço típico das cidades projetadas por Macedo Vieira.

Figura 4 – Pontal do Sul e Cianorte, por Jorge de Macedo Vieira.



Fonte: Acervo Jorge de Macedo Viera. Arquivo Histórico Municipal – DPH/SMC/PMSP.

NO ORGÂNICO E NO GEOMÉTRICO, UM ARQUETÍPICO ENGENHEIRO POLITÉCNICO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Conforme indicado, encontramos na obra de Macedo Vieira traços das soluções tipo *garden city*, em predominância, mas também fortes traços do urbanismo americano do *city beautiful*, esse influenciado pelo “Beaux Arts” francês. O hibridismo dessas tendências se manifesta em Macedo Vieira de modo pleno e as soluções são trabalhadas durante todo o decorrer da obra do engenheiro. A cultura urbanística que se desenvolvia nos EUA e na Europa, no período de atuação do profissional Macedo Vieira, não lhe era alheia ou ignorada. As relações culturais que o corpo técnico brasileiro estabelecia com profissionais no exterior já foram comprovadas por nossa historiografia.

Muitos profissionais possuíam, nesse período, uma obra de caráter internacional, como é o caso de um dos autores que constam na biblioteca pessoal de Macedo Vieira: o engenheiro politécnico francês, formado pela Escola de Nancy, Jean Claude Nicolas Forestier (1861-1930). Tal profissional exemplifica a forma como a cultura urbanística do período adquiriu caráter universal. Pesquisamos seus desenhos e notamos semelhanças com o traçado adotado por Macedo Vieira. Forestier foi inicialmente influenciado por Frederick Law Olmsted²² e seus trabalhos para parques públicos americanos. Outra denotada influência surgiu com o City Beautiful Movement que teve como marco inicial a Exposição de Chicago, em 1893, e em Daniel Burnham e Edward Bennett, seus divulgadores. Os dois momentos retratam urbanistas que pensam a cidade como um organismo que necessita de áreas urbanas naturais entremeadas ao caos, para funcionarem como “válvulas de escape” para os habitantes das cidades já então congestionadas. Forestier adota os ideais “progressistas” desses pensadores e os transcreve para seus projetos.²³ Em 1911 entra para o grupo dos mais avançados pensadores urbanos franceses. Certamente as conexões internacionais começam a surgir aí. Sua vinda para o continente sul-americano, em 1923, para trabalhos em Buenos Aires, certamente chegou ao conhecimento dos atores envolvidos nas questões urbanas de São Paulo. E Macedo Vieira compunha esse círculo. Há que se lembrar que Forestier acompanhou os projetos de Agache, para o Rio, e de Bouvard, para São Paulo, tendo escrito análises sobre tais trabalhos. Os projetos de Forestier para Buenos Aires (1924) e Jorge de Macedo Vieira para Pontal do Sul (1951) podem ser classificados dentro de uma mesma linguagem urbanística onde observamos os mesmos procedimentos projetuais.

O desenho sinuoso, denominado de “caminho das mulas” por Le Corbusier, mas apregoado à exaustão por Camillo Sitte e Raymond Unwin, parece não se adaptar à lógica do caminho reto do cidadão capitalista, a forma mais racional condizente com a rapidez e efemeridade, característica de um modelo econômico e social onde o capital tece suas regras. No entanto, nesse caminho racional, as individualidades, inerentes a cada ser humano, acabam por se perder, numa monotonia de atitudes previsíveis. Pode-se afirmar que, ao transpormos tal idéia para o desenho urbano, com a linha reta utilizada de forma constante e única, num quadriculado de arruamentos, o tecido se transforma num monótono suceder de ruas e esquinas onde a homogeneização do espaço se sobrepõe às peculiaridades e a própria identidade do lugar.

No rescaldo do estudo da urbanística nacional, o trabalho de uma vertente de profissionais não ligados, em específico, ao urbanismo com regras ditadas por Le Corbusier, acabou por sucumbir dentro da historiografia urbana, tomada pelo domínio acadêmico

22 A forte influência do trabalho de Olmsted no trabalho de Forestier pode ser encontrada em sua obra literária de maior renome: *Grandes villes et systèmes de parcs*, publicada na França em 1906.

23 Para uma leitura mais aprofundada dessa fase, consultar Lejeune, Jean-François, “La ville et le paysage – Influences et projets américains”, in: Choay, et al. p.173-87.

do estudo de modelos racionalistas. Entretanto, é possível construir uma história diversificada. Dentre esses profissionais politécnicos, trabalhos se destacam e planejadores urbanos como Jorge de Macedo Vieira estabelecem um contraponto ao domínio puro e funcionalista do quadriculado urbano. Procuram utilizar de um urbanismo carregado de contornos e graciosidades que primam pelo pinturesco, preservando a morfologia do solo e valorizando o característico de cada local, colocando em destaque a plástica do desenho de cada paisagem.

A conjugação dos adjetivos beleza urbana e praticidade no uso parecem, num primeiro momento, incongruentes. No entanto, Macedo Vieira consegue estabelecer, em seus projetos, um elo de equilíbrio. É pragmático e em concomitância investiga exaustivamente a topografia, explorando seus aspectos vantajosos e interferindo nos pontos fracos do terreno, redesenhando a paisagem, sem contudo colocar a perder a “alma do lugar”. O contato permanente com profissionais extremamente gabaritados, como Richard Barry Parker, Saturnino de Brito e Prestes Maia, alçaram seus projetos ao mais elevado grau. Em que pese a falta de uma produção acadêmica consistente, os loteamentos e as cidades novas surgem como testemunhos da beleza da obra, sem se perder a diversidade do uso do espaço urbano.

Com tais referências teóricas, Macedo Vieira articulará tanto uma concepção racional e funcionalista em relação à cidade, quanto um ponto de vista culturalista, que privilegia a paisagem a ser configurada e o panorama a ser descortinado. Associando traçados conforme o tipo cidade-jardim com princípios do urbanismo sanitário de Saturnino de Brito, Macedo Vieira cria soluções bastante originais, criando bairros-jardins e cidades-jardins agradáveis e com preocupações ambientais, preservando grandes áreas verdes e valorizando os cursos d’água e outros elementos da paisagem. Cria assim um urbanismo que é moderno, mas distinto daquele que deu origem a Brasília. (BMJV, 1999, p.34.)

Em relação aos dados quantitativos, observando o conjunto de sua obra e não considerando, a área de algumas intervenções e das obras menores, chegamos a uma totalização de áreas que servem de base para o entendimento da abrangência dos projetos elaborados pelo Escritório de Jorge de Macedo Vieira. A Tabela 3 totaliza os números desse cálculo:

Tabela 3 – Totalização, em m², dos projetos executados por Jorge de Macedo Vieira

Projetos por Tipologia	Área (m ²)
Loteamentos planejados*	24.520.360
Loteamentos implantados**	23.668.347
Cidades <i>ex novo</i> planejadas***	28.181.425
Cidades <i>ex novo</i> implantadas****	22.286.325
Total de área planejada	52.701.785
Total de área implantada	45.954.672

* Incluindo Jardim Universidade, sem metragem, Vila Santista, Atibaia/SP.

** Sem Jardim Universidade, sem metragem, Vila Santista, Atibaia/SP.

*** Incluindo Pontal do Sul, Estado do Paraná.

****Excluindo Pontal do Sul, Estado do Paraná.

Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo – DPH/PMSP

Antonio Carlos Bonfato é professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Puccamp e da Faculdade Senac de Turismo e Hotelaria da Águas de São Pedro, SP. E-mail: abonfato@sp.senac.br

Artigo recebido para publicação em setembro de 2003.

A somatória desses números, por si, bastaria para inserir o engenheiro-civil entre os mais atuantes no contexto urbano da primeira metade do século, mas a qualidade de seus projetos, em que a harmonia do uso dos espaços, a beleza de seu traçado, por vezes sinuoso, por vezes geométrico, por vezes entrelaçado, acaba por lhe conferir uma capacidade de harmonizar as necessidades de uso com uma leveza nas linhas, que apenas o trabalho levado à exaustão, de forma precisa e metódica, seria capaz de propiciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁGUAS DE SÃO PEDRO, Histórico da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro. Secretaria de Turismo de Águas de São Pedro, 1996.
- ANDRADE, C. R. M. *Barry Parker: um arquiteto inglês na Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1988. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA. Brochura de Apresentação da Sala Especial dedicada a Jorge de Macedo Vieira. São Paulo: Fundação Bienal, 1999.
- _____. Catálogo da IV Bienal Internacional de Arquitetura, Coordenação geral e produção de Glória Bayeux. São Paulo: Fundação Bienal, 1999.
- CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização de São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002.
- CIOFFI, H. et al. *Cianorte: sua história contada pelos pioneiros*. Maringá: Ideal, 1995.
- FISCHER, S. *Ensino e profissão: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo*. S.l.: s.d.
- KAWAI, C. *Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- LEME, M. C. da S. (Coord). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/Fupam, 1999.
- _____. Formação do pensamento urbanístico, em São Paulo, no início do século XX. In: *Espaço & Debates*, n. 34, p.64-70, 1991.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- STEINKE, R. *Ruas curvas versus ruas retas. Na história da cidade, três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, 2002.
- TAFURI, M. “La montaña desencantada. El rascacielos y la ciudad.” In: CIUCCI, G. et al. *La ciudad americana. De la guerra civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- TOLEDO, B. L. de. “Os bairros jardins.” In: _____. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- TREVISAN, R. “Incorporação do ideário *Garden-City* inglês na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro”. Texto para Exame de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos, 2002.
- UNWIN, R. “Del arte público como expresión de la vida comunitaria.” In: _____. *La practica del urbanismo. Una introducción al arte de proyectar ciudades y barrios*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- WOLFF, S. F. S. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: Edusp, 2001.

ACERVOS

Acervo não-catalogado do Escritório de Jorge Macedo Vieira, sob consignação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo (DPH/PMSP).

Acervo de Projetos do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), da Universidade de São Paulo.

Acervo de mapas, jornais e fotos da família Moura Andrade, sob guarda de Antonio de Moura Andrade e Francisco Falcão de Andrade, São Paulo e Águas de São Pedro (SP).

Acervo pessoal do autor.

A B S T R A C T *The application of the international urban model planning, and the resonant projects developed in Brazil during the first half of the 20th Century, serve as theme to this article. Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) and his contribution to the history of Brazilian town planning between 1920 and 1960 are being studied. The analysis of project worked out by the engineer of the ex novo cities of Águas de São Pedro/SP and Maringá/PR, serves as an example of his work. Macedo Vieira, a planner that has not been studied as he should be and who follows the international urban model planning in lots, in new cities, in an organic model attached to his pragmatics, reveals perfection to the urban drawing which could not be obtained by other city planners.*

K E Y W O R D S *Town planning; garden cities; suburb; Jorge de Macedo Vieira; Águas de São Pedro; Maringá.*